

Estude Minha Filha: Problematizações e Cartografias da Experiência de Produção de um Documentário Sobre a Educação de Mulheres em Contexto Amazônico¹

Ludymila Maia de Oliveira Pérez²

Luan Correia Cunha Santos³

Universidade Federal do Acre (UFAC)

RESUMO

O presente trabalho apresenta o processo de construção do documentário “Estude, minha filha”, que investiga como a educação pode ser vetor de transformação social na trajetória de mulheres amazônicas, a partir da experiência de vida de Francisca Maia. A pesquisa articula experiência pessoal e saber acadêmico, combinando os referenciais de Eduardo Coutinho e Jorge Larrosa com a cartografia como metodologia. O objetivo é compreender como o documentário pode ser ferramenta de escuta e amplificação de vozes historicamente silenciadas, valorizando a oralidade, os afetos e a construção coletiva de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Mulheres amazônicas; Documentário; Experiência; Cartografia.

A história de vida de Francisca Maia, assim como a de tantas outras mulheres da Amazônia, evidencia uma realidade marcada por silenciamentos históricos, desigualdades de gênero e desafios estruturais que dificultaram o acesso pleno à educação e à representatividade social. Mesmo sendo pilares em suas famílias e comunidades, muitas vezes essas mulheres permanecem à margem das narrativas oficiais, seja nos espaços institucionais, midiáticos ou acadêmicos. Ainda que a educação seja amplamente reconhecida como um vetor de transformação social, ela nem sempre se materializa de forma equitativa. A privação dos estudos, as responsabilidades domésticas, a ausência de políticas públicas inclusivas e o apagamento de histórias e saberes locais revelam que o acesso à educação continua sendo atravessado por

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT01N0 - Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias), evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFAC, e-mail: ludymila.perez@sou.ufac.br.

³ Professor do Curso de Jornalismo do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre, email: luan.correia@ufac.br

desigualdades que moldam, limitam ou impulsionam trajetórias. Neste contexto, torna-se necessário buscar formas de trazer essas histórias à luz e criar espaços onde a escuta e a memória possam emergir com potência e respeito.

O documentário, enquanto ferramenta narrativa e política, se apresenta como uma possibilidade concreta de intervenção não apenas como produto artístico, mas como processo de pesquisa e escuta ativa. Assim, a pesquisa parte da premissa de que a produção audiovisual pode ser um instrumento de amplificação de vozes e de questionamento dos silêncios impostos. O objetivo é compreender como a experiência dessas mulheres, em especial a de Francisca, pode revelar caminhos de transformação familiar e social por meio da educação. Diante disso, a questão que orienta este trabalho é: como o processo de produção de um documentário pode amplificar as vozes de mulheres amazônicas e provocar reflexões sobre o papel transformador da educação nas trajetórias familiares e sociais?

Este documentário é mais do que um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, é uma homenagem à força, resistência e protagonismo das mulheres amazônicas, como minha avó, que enfrentam desafios estruturais para transformar suas realidades e as de suas famílias. Muitas dessas mulheres carregam sobre si o peso da desigualdade social, da invisibilidade patriarcal e da falta de acesso a oportunidades que poderiam ampliar seus horizontes. No entanto, apesar das barreiras impostas, elas encontram na educação um caminho para a autonomia e o empoderamento, provando que o conhecimento tem o poder de reconfigurar trajetórias e abrir portas para um futuro mais digno.

A escolha desse tema não é apenas acadêmica, mas também pessoal e política. Dar visibilidade a essas histórias significa não apenas reconhecer a luta de mulheres que, muitas vezes, são esquecidas pelo discurso oficial, mas também questionar por que suas vozes ainda encontram tantos obstáculos para serem ouvidas. Como amplificar as vozes de mulheres amazônicas e provocar reflexões sobre o papel transformador da educação nas trajetórias familiares e sociais? Essa é a pergunta central que guia esta pesquisa e que o documentário busca responder por meio de uma abordagem sensível e comprometida com a valorização dessas narrativas. Inspirado no trabalho de cineastas

como Eduardo Coutinho, que constrói sua obra a partir do encontro entre o documentarista e seus personagens, meu objetivo é criar um projeto humanizado, que toque as pessoas pela autenticidade das histórias contadas. A força do documentário está justamente na capacidade de gerar identificação e provocar empatia, permitindo que o público se conecte emocionalmente às experiências das mulheres retratadas. Para isso, utilizo uma abordagem documental que combina depoimentos profundos, registros visuais sensíveis e cartografia afetiva, uma metodologia que permite mapear não apenas os espaços físicos que essas mulheres habitam, mas também os territórios simbólicos de suas vivências.

Cada imagem, cada palavra dita, cada silêncio captado pela câmera carrega um significado que vai além do relato pessoal; representa também um ato político de resistência e afirmação identitária. No contexto amazônico, onde a realidade social é atravessada por desafios como o isolamento geográfico, a falta de infraestrutura e as desigualdades de gênero, a educação se torna uma ferramenta fundamental para a transformação individual e coletiva. É nesse contexto que o documentário se insere, buscando não apenas contar histórias, mas provocar reflexões sobre o impacto da educação na reconstrução de vidas e na quebra de ciclos de exclusão.

Além disso, este projeto representa, para mim, um exercício de aprendizado contínuo. O processo de produção não é apenas uma experiência técnica e acadêmica, mas uma jornada de imersão nas complexas dinâmicas socioculturais da Amazônia. Ao ouvir, registrar e compartilhar essa história, fortaleço minha formação enquanto jornalista em formação e reafirmo meu compromisso com a representatividade e a democratização do acesso à informação no campo audiovisual. Mais do que um produto final, este documentário pretende ser um instrumento de transformação. Que ele possa ecoar além dos limites da academia, sensibilizando olhares, despertando diálogos e contribuindo para que mais mulheres amazônicas tenham suas vozes ampliadas e seus direitos garantidos.

Este trabalho busca compreender se é possível amplificar as vozes de mulheres amazônicas e provocar reflexões sobre o papel transformador da educação nas trajetórias familiares e sociais, representadas aqui pela figura emblemática de Francisca,

que exerceu um papel fundamental na transformação social de sua família e comunidades, especialmente através da educação e da transmissão intergeracional de saberes. Para estruturar essa análise, recorre-se à abordagem documental de Eduardo Coutinho, cuja metodologia privilegia a subjetividade e a construção dialógica da narrativa, permitindo capturar a complexidade das histórias individuais e suas conexões com processos socioculturais mais amplos. A escolha desse referencial justifica-se por sua capacidade de articular microfísica do cotidiano e macroestruturas sociais, revelando como as ações locais dessas mulheres reverberam em transformações coletivas.

Eduardo Coutinho questiona radicalmente a pretensão de neutralidade dos documentários tradicionais, demonstrando que o cinema é uma representação do real, mediada por escolhas éticas, estéticas e políticas. Segundo Frochtengarten (2009, p. 126), "o documentário quer coincidir com o real: o dono da voz quer ser também o 'dono do mundo'. O cinema de Eduardo Coutinho escancara o caráter de discurso que os documentários 'sociológicos' se esforçaram por ocultar". Essa reflexão dialoga com as críticas à objetividade, destacando que toda narrativa é um constructo situado.

No contexto deste projeto, tal perspectiva permite problematizar a história de Francisca não como um "retrato fiel", mas como um testemunho imbricado em subjetividades, memórias e resistências. A abordagem de Coutinho valoriza os momentos de não linearidade nas entrevistas — hesitações, silêncios e digressões —, que revelam a textura humana das trajetórias. Para ele, "o que interessa são as digressões, hesitações, retomadas de texto, gaguejadas, lapsos extraordinários" (Frochtengarten, 2009, p. 129). A influência de mulheres como Francisca, marcada por ensinamentos não formais e gestos cotidianos, exige um método que acolha a subjetividade e a afetividade como partes constitutivas da narrativa. Coutinho desloca o foco dos contextos materiais para os sujeitos, afirmando: "Eu não me interesso em filmar os objetos, a casa da pessoa, em detalhar a condição social. O que me interessa é um rosto que fala" (Frochtengarten, 2009, p. 130).

A rejeição de roteiros rígidos é outra contribuição crucial de Coutinho: "Trabalho na incerteza, na ignorância. Porque eu não sei o que é a vida do outro"

(Frochtengarten, 2009, p. 128). Essa postura é vital, pois as histórias das mulheres amazônicas frequentemente desafiam categorias prévias, exigindo um olhar aberto a ressignificações. A noção do documentário como "acontecimento verbal" (Figueirôa, Bezerra e Fachine, 2012, p. 214) enfatiza o caráter único de cada entrevista, onde a interação gera sentidos imprevisíveis. No caso de Francisca, cada diálogo é um ato de (re)existência, onde memórias pessoais se entrelaçam com lutas coletivas por educação e território. Por fim, Coutinho afirma que "o essencial no ser humano de qualquer classe é ser ouvido, ser legitimado, ser justificado em sua singularidade" (Frochtengarten, 2009, p. 131). Essa máxima reflete a dimensão ética da pesquisa, em sintonia com a pedagogia do oprimido, que vê na escuta um ato de libertação.

Este trabalho parte da minha experiência pessoal enquanto mulher, neta e estudante de comunicação. A experiência é o fio que me guia na construção deste documentário, atravessando não apenas minha história de vida, mas também minhas inquietações acadêmicas e políticas. Ao pensar sobre as trajetórias que desejo contar, percebo que não há separação entre o pessoal e o teórico: a experiência vivida e a experiência como conceito caminham juntas. A escolha por investigar como a educação atua como motor de transformação está profundamente conectada à forma como vivenciei, observei e escutei essas histórias ao longo da minha trajetória. A experiência, enquanto conceito teórico, é fundamental para este trabalho. Jorge Larrosa Bondía, em *Notas sobre a experiência*, oferece um referencial essencial para refletir sobre essa dimensão. Para o autor, a experiência não pode ser reduzida à simples aquisição de informações ou ao acúmulo de conhecimentos técnicos. Ela deve ser compreendida como algo que nos acontece e nos transforma. A partir disso, torna-se evidente que o saber não está apenas nos livros ou nas instituições formais de ensino, mas também nas marcas que certos acontecimentos deixam em nós. A experiência é única, singular, e cada pessoa a vive de forma diferente. É essa singularidade que torna cada relato uma forma legítima de conhecimento e que fundamenta a metodologia adotada neste projeto.

Vivemos em uma sociedade saturada de dados, onde o excesso de informação nem sempre conduz à compreensão ou à transformação. Larrosa argumenta que a informação, por si só, é quase o oposto da experiência, pois não deixa tempo nem

espaço para que algo nos toque verdadeiramente. Nesse sentido, a proposta deste documentário se volta à escuta atenta de histórias que não cabem em estatísticas ou relatórios, mas que carregam em si uma potência transformadora e revelam saberes tecidos no cotidiano. A experiência exige pausa, interrupção, atenção — algo que será buscado na maneira como as entrevistas serão conduzidas no documentário. Escutar no ritmo de quem fala, sem pressa ou interferência, é uma escolha estética e política que valoriza o tempo da fala e da memória.

Na construção narrativa, a oralidade e os relatos de vida são tratados como saberes legítimos, e não como complementos ou curiosidades. Larrosa lembra que duas pessoas podem passar pelo mesmo acontecimento, mas nunca terão a mesma experiência. O que transforma é o modo como vivemos e ressignificamos aquilo que nos acontece. Por isso, cada depoimento presente no filme é uma janela para compreender não apenas um fato, mas uma maneira única de atravessar o mundo. A experiência também está profundamente ligada à educação, entendida aqui como um processo que não se limita à escola. Ela acontece no cotidiano, na transmissão de valores, na resistência, no cuidado, e sobretudo na maneira como certos encontros se inscrevem nas trajetórias de vida. Nesse sentido, as vozes que compõem este documentário revelam não só processos de aprendizagem, mas de elaboração de sentidos tanto individuais quanto coletivos. Dessa forma, a experiência, tanto vivida quanto teorizada, é a base que sustenta este trabalho. Ela guia a escolha da abordagem metodológica, define o tom das entrevistas e orienta a forma como as narrativas serão tratadas. Mais do que registrar histórias, este documentário se propõe a abrir espaço para que elas sejam sentidas, refletidas e compartilhadas como experiências que nos tocam, nos modificam e, por isso mesmo, nos ensinam.

A metodologia deste documentário seguirá a abordagem cartográfica, um método que entende o conhecimento como processo e intervenção, não como representação estática. Inspirada em Deleuze e Guattari, a cartografia permite desenhar as linhas de força, os movimentos e as transformações que constituem a vida de Francisca Maia e suas conexões. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de captar a complexidade das trajetórias individuais e coletivas sem

reduzi-las a categorias fixas, valorizando a subjetividade e a potência transformadora da educação. A cartografia opera através de pistas, não de regras rígidas, o que a torna adequada para um documentário que busca acompanhar processos vivos. O projeto não será apenas um registro, mas uma ferramenta de intervenção, capaz de amplificar vozes e provocar reflexões críticas sobre o papel da educação na transformação social. Essa perspectiva ecoa a ideia de que "conhecer é fazer", pois a própria produção do documentário modificará tanto o pesquisador quanto o campo investigado.

A entrada no campo de pesquisa se dará através de uma abordagem participante, com imersões na vida de Francisca Maia e dos frutos de sua linhagem. A atenção flutuante, conceito trabalhado por Kastrup, será fundamental durante as filmagens, permitindo estar aberto aos imprevistos e aos afetos que emergem no contato com essas histórias. As entrevistas não seguirão roteiros rígidos, mas buscarão explicitar processos subjetivos, como os modos pelos quais a educação alterou trajetórias familiares e sociais. O uso de imagens e sons captará não apenas fatos, mas intensidades, como a relação afetiva das personagens com o território amazônico. A entrevista será semi-estruturada, orientada por um roteiro inicial, elaborado a partir de pesquisas prévias sobre o contexto e sobre os sujeitos participantes. Esse roteiro, no entanto, será tratado como um organismo vivo, podendo sofrer modificações ao longo das gravações conforme novas dimensões forem se revelando. Essa abertura metodológica permite que a escuta seja sensível e que caminhos inesperados possam surgir, ampliando o alcance da investigação.

Além das entrevistas e da observação direta, a pesquisa será enriquecida por uma base bibliográfica robusta e por um estudo prévio do contexto histórico e social. Serão consultados materiais de apoio como arquivos pessoais, documentos antigos, registros de família, fotografias e outras fontes que possam contribuir para a compreensão da trajetória de vida das personagens. Todo esse material será incorporado ao processo de criação, permitindo que novas camadas de sentido emergem ao longo da construção do filme. A montagem do documentário seguirá uma lógica rizomática, conectando fragmentos das histórias para mostrar padrões sem homogeneizá-las. A edição destacará tanto as linhas de fuga — momentos de ruptura na vida das

personagens — quanto os *devires* — processos contínuos de transformação. Essa construção narrativa se assemelha ao trabalho do cartógrafo, que acompanha movimentos sem fixá-los em representações definitivas. A cartografia, como método flexível e engajado, oferece assim um caminho potente para um documentário que busca, nas palavras de Deleuze e Guattari, "falar com o mundo" em vez de "falar sobre o mundo". Ao cartografar a vida de Francisca Maia e suas ressonâncias, o filme se torna um território existencial em constante transformação, onde pesquisa e intervenção se confundem na produção de novos sentidos para a educação e para as trajetórias das mulheres amazônicas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **Para começar um projeto de pesquisa**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

FIGUEIRÔA, Alexandre; BEZERRA, Cláudio; FÉCHINE, Yvana. **O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 30, pág. 213-229, 2003.

FROCHTENGARDEN, Fernando. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, pág. 20-28, 2002.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da; BARROS, Regina Benevides de; TEDESCO, Silvia; EIRADO, André do; BARROS, Laura Pozzana de; ALVAREZ, Johnny. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009